

CELCIT. Dramática Latinoamericana. 108

O AMIGO OCULTO

BULEVAR POLÍTICO-CULTURAL EM UM ATO E VÁRIOS DESMAIOS

Augusto Boal

PERSONAGENS

DONA FLOR - senhora centenária, padece de distúrbios psíquicos, físicos e psicossomáticos;

ROSA - leitora frenética de escritores revolucionários;

MARIANA - empregada doméstica, religiosa às raias da loucura;

MILORD - jovem filho de Elvira e Robertão, meigo e doce, mas não dócil;

ELVIRA - foi capa de revistas eróticas; o tempo inclemente atropelou-a; hoje, observa rigoroso recato voluntário, regado a vinho e outros álcoois mais nutridos;

ROBERTÃO - não se conforma em ter uma só esposa; pretende converter-se ao islamismo e oficializar as outras três a que terá direito;

BARÃO - joga na Bolsa, trabalha no governo, não distingue lícitos de ilícitos, o que facilita sua vida, não a dos outros;

EUDÓXIA - mulher do Barão, pragmática, a sociedade é como é, vamos aproveitar, esteio da família, último bastião da moral e dos bons costumes;

JOAQUIM - pessoa simples, sabe dirigir tratores e caminhões, mas não pessoas.

POR QUE ESTA PEÇA?

O AMIGO OCULTO é *bulevar*. Já usei o estilo de histórias em quadrinhos para falar do golpe de 68, no Brasil, (*O Grande Acordo Internacional Do Tio Patinhas*), e o estilo James Bond, sexo, sangue e violência, para falar do golpe na Argentina de 76 (*A Deliciosa E Sangrenta Aventura Latina De Jane Spitfire, Espiã E Mulher Sensual*). Agora, em *bulevar*, quero falar do Brasil de hoje, ano 2000.

A *decoração - bulevar* não tem cenário, tem decoração - é a sala de jantar de ROSA, refúgio de quem estuda e trabalha, que ficará totalmente desfigurada e colorida com a decoração natalina.

Os atores devem interpretar seus personagens com **total e absoluta convicção**, **vivê-los** e não apenas mostrá-los. Isto não é uma chanchada.

Embora farsa, desejo que a peça seja emocionante.

Pode o elenco inspirar-se nos atores de *bulevar*, tiques e truques, mas devem também ser stanislavskianos, sinceros, emocionais, verdadeiros, humanos. Devem-se ouvir, atentos; devem-se olhar fundo nos olhos, como não costuma acontecer no *bulevar*. Devem-se interrelacionar. O espetáculo, humanizado, deve funcionar como relógio.

Teatro, como o amor, faz-se a dois.

ATO ÚNICO

ROSA LÊ LIVROS E JORNAIS. TOCA O TELEFONE. ELA ATENDE.

ROSA - Não é aqui, não. (VOLTA À LEITURA, TOCA OUTRA VEZ) Escute aqui, minha senhora, se quer falar com o Juvenal, telefone pra ele, porque aqui não é! (VOLTA À LEITURA. TORNA A TOCAR. BERRANDO!) Já lhe disse, aqui nunca morou nenhum Juvenal, pare de me amolar!!! (ATIRA OS JORNAIS NO CHÃO) Só tem anúncio de máquina de lavar americana, boneca chinesa, computador coreano, uísque paraguaio, Pokémon japonês... Pra quê Jesus Cristo foi nascer? Só pra inventar essa bobagem: Natal! (ENTRA A EMPREGADA, PURO ESTILO BULEVAR, ESPANANDO MÓVEIS) Pra que serve o Natal, Mariana?

MARIANA - Pra mandar cartões da UNICEF, pra desejar Boas Festas e Próspero Ano Novo...

ROSA - E não podia ser no meio do ano? Se a gente deseja Feliz Natal no dia 24 de Dezembro, podia muito bem desejar a mesma felicidade no primeiro de Maio: matavam-se dois coelhos com uma paulada só!

MARIANA - Por quê? Primeiro de Maio também é o aniversário de alguém?

ROSA - Natal dia 8 de Março, pra ver se pessoas como você começariam a pensar nalguma coisa que não fosse missa das sete e novela das oito. Ou sete de setembro, pra quem ainda tem memória, ou 4 de Julho, pros alienados! Natal pode ser qualquer dia.

MARIANA - Desculpe: não pode não. (EXPLICATIVA) Natal é a noite do dia antes de nascer o menino Jesus: nascimento tem dia certo. Já a Paixão, que é a morte, essa varia, cai sempre na sexta porque senão seria Quinta Feira ou Sábado da Paixão... Mas mesmo sendo Sexta, em cada ano é uma sexta diferente, porque a Paixão é 40 dias depois do carnaval e como carnaval não tem data certa, a morte de Cristo fica na dependência do carnaval. Todo ano o Cristo fica esperando o carnaval pra saber em que dia ele vai morrer nesse ano. Agora, Natal é 25!

ROSA - No começo da Revolução Cubana, Fidel Castro adiou o Natal pra Fevereiro pra não atrapalhar a colheita da cana.

MARIANA (INDIGNADA) - Fidel é um herege! Não sei o que o papa foi fazer em Cuba, beijinho pra cá, beijinho pra lá! Não se pode misturar as coisas: Fevereiro é lemanjá. (CANTAROLA). "Dia dois, de Fevereiro, dia de festa no mar..." (TOCA O TELEFONE. ROSA VAI COM RAIVA, MARIANA SE ADIANTA). Deixa, que é pra mim. (ATENDE). Feliz Natal pro senhor também. Está sim. Um pouco mal humorada, como sempre, acordou com o pé esquerdo, como sempre, mas isso passa, como sempre. Venha sim, claro que pode, a casa é sua, como sempre! Ela vai ficar contente... como nunca!

ROSA - Não pode não: eu não quero ver ninguém! Hoje é Natal! Hoje, eu sou eremita!

MARIANA - Já está aqui embaixo, no orelhão? Por que não subiu logo? Que timidez coisa nenhuma, família não tem vergonha. Quer dizer, não é preciso ter vergonha entre familiares, foi isso que eu quis dizer. Venha logo, ela está mandando beijinhos pro senhor também... Na bochecha! (DESLIGA).

ROSA - Quem é a patroa aqui?!

MARIANA (DECIDIDA) - Natal não tem patroa, todo mundo é igual perante Deus: patroa é só pro resto do ano - hoje é dia santificado. Além disso, se esse menino veio, é porque estava combinado.

ROSA - O quê estava combinado? Que menino? Por que você me desobedeceu? Quem manda aqui?

MARIANA - Péra lá: uma pergunta de cada vez. Primeira: quem é ele.

ROSA - Quem é?

MARIANA - Seu sobrinho, o Milord!

ROSA - Visitar família no dia de Natal é a coisa mais cafona que pode acontecer nesse dia. Ainda bem que o resto da parentela nem sequer telefonou: graças a Deus! Esse daí, espero que vá logo embora. Boas Festas e até mais ver. Quero ficar sozinha!

MARIANA - Não é o que está combinado...

ROSA - Combinado o quê?! Com quem?! (TOCA A CAMPAINHA, MARIANA ABRE).

MILORD (ENTRANDO) - Feliz Natalzinho.

MARIANA - Pro senhor também.

MILORD - Feliz Natal, Rosinha de Luxemburgo!

ROSA (RAIVA) - Próspero Ano Novo... e até o ano que vem. Adeus!

MILORD - Estou precisando mesmo, pros-pe-ri-da-de: este ano que está acabando, está acabando é comigo, quase fui a falência e ainda faltam sete dias! Bancarrota!

ROSA - Falência?! Você não trabalha...

MILORD - Descobri que meus amigos me roubam. Vão dormir lá em casa, dou guarida, dou banho, comida, e me esvaziam a carteira... Pode, uma coisa dessas?

MARIANA - Hoje é Natal, pense só em coisas boas. Olha só pra ela, não está bonita? É a patroa mais linda que existe... no bloco B do condomínio.

ROSA - Menina, cala essa boca!

MILORD - Menina, vai botar esse pacote embaixo da árvore.

ROSA - Que árvore? (MARIANA DESCOBRE UMA ÁRVORE DE NATAL). Mariana! Que árvore é essa? Onde é que você foi arrumar essa porcaria? (EXPLOSIVA). Você não sabe que eu detesto Natal, detesto dia dos Pais, das Mães, dos avôs e das avós, dia dos namorados, dos casados, desquitados, amigados, dos amantes e das concubinas, dia da criança, do recém-nascido e dia do moribundo, dia do raio que os parta! Detesto!

MARIANA (CALMA) - Sei!

ROSA (ENÉRGICA) - Você não sabe que eu odeio essa exploração sentimentalóide que faz as pessoas comprarem porcarias de que ninguém gosta, mas todo mundo recebe o presente e diz (RIDICULARIZANDO) - "Que bonito! Eu estava precisando mesmo! Estou ansiosa pra usar amanhã à noite! Como é que você adivinhou?" - quando todo mundo sabe muito bem que esse livro você não vai ler nunca, esse CD você nunca vai escutar, essa camisola você vai jogar no lixo, esse broche horrível você vai dar pra empregada (MARIANA MURMURA *Muito Obrigada*). Você é minha empregada há quinze anos, sei lá, vinte ou trinta, a vida inteira você foi minha empregada, nasceu no quarto da empregada e no dia seguinte já começou a botar a mesa pra mim, você, minha empregada, eterna e vitalícia, compactua com o comércio varejista e compra essa coisa escandalosamente feia e de mau gosto, que ainda por cima me dá alergia, porque é feita de plástico envenenado!

MARIANA - Com o dinheiro que a senhora deu só pude comprar essa de plástico envenenado, porque a outra, muito mais bonita, era mais cara, não ia dar pra comprar a árvore e o bife do seu regime, os dois não dava, e a senhora ia desconfiar se eu não comprasse o bife. Assim, a senhora não está desconfiando de nada, viu?

ROSA - Não tinha que comprar nem cara nem barata, nada!!!

MARIANA - Eu só fiz o combinado. (ARRUMA A ÁRVORE). Olha como é linda.

ROSA - Combinado? Quem combinou o quê? Com quem?

MARIANA - E eu sei, dona Rosa? (ENÉRGICA). A senhora pensa que alguém aqui me diz alguma coisa? Aqui eu sou tratada pior que empregada doméstica!

ROSA - O Milordezinho!!! Que raio de combinação é essa? O que é que você veio fazer na minha casa?

MILORD - Primeiro, mais respeito com o meu heterônimo. Eu me chamo *My Lord*, para os íntimos, *Milord*, mas nunca *Milordezinho*. É aviltante! Só faltava me chamar de *Milordezinho de Merda*!

ROSA (ENÉRGICA) - Olha aqui, seu merda de milordezinho: com que direito você pensa que pode entrar na minha casa numa data funesta como esta... Sobrinhos, sobrinhos, privacidades à parte...

MILORD - Alto lá, data funesta! (ENTUSIASMADO) Natal é manjedoura, nascimento, presépio, burricos... Coisas belas, camelos, Reis Magos, um deles bem pretinho... Democracia racial! Isso é Natal!

MARIANA - Épa!!! Reis Magos, seis de Janeiro, não misture santos e datas.

MILORD - Funesta é Sexta Feira da Paixão, bom ladrão, mau ladrão, sepultura... É melhor não pensar em morte, principalmente agora que a vovó não está nada boa e eu fui o primeiro a desaconselhar, disse que ela não devia sair de casa, não pode nem ir até à sala ver televisão, como é que vai andar de taxi?! Mas combinaram assim, está combinado, quem sou eu pra dizer não: nossa família é muito autoritária, sabe? Cada um quer mandar mais que os outros, prepotentes. (SEM TRANSIÇÃO). O Juvenal já chegou?

ROSA (FURIBUNDA) - É muita prepotência sua entrar pela minha casa a dentro, quando eu estava lendo um romance policial comunista e estava quase descobrindo que o assassino era mesmo o capitalista desalmado dono da fábrica de remédios falsificados, quando você... Escuta aqui: minha mãe vai sair de casa pra ir aonde?

MILORD - Ela não vai, não... (PEQUENA PAUSA, SORRINDO) Ela VEM!

MARIANA - Está tudo combinado.

ROSA (SENTA-SE) - Esses dois energúmenos não vão nunca me contar a verdade. Seja o que Deus quiser...

MARIANA - Finalmente eu escuto uma palavra cristã aqui nesta casa: Deus! (CAMPAINHA). Pode deixar, eu sei quem é... (ABRE, ENTRA ELVIRA COM PACOTES). Pensei que fosse o Juvenal, mas é essa outra. (PARA ELVIRA). Vai entrando, como se estivesse na sua casa. Só como se estivesse, viu?...

ELVIRA - Ele ainda não chegou, aquele bruto?

MILORD - Ele quem? O Juvenal?

ELVIRA - Não, o meu marido... enfim, esse cara... Robertão... teu pai... (EXPLOSIVA). O cretino disse que vinha mais cedo pra fazer uma surpresa. Aposto que sei com quem é que ele está. Traidor! Adúltero!

MARIANA (ESPANADOR EM PUNHO, DIDÁTICA, DECIDIDA A IMPOR A ORDEM) - Olha aqui, dona Elvira: hoje é o aniversário do menino Jesus, que ninguém sabe quando morreu, só se sabe que foi sexta feira... qual? Nem o Papa... (ORDENANDO). Hoje é festa, eu não quero brigas aqui nesta casa, quero todo mundo alegre, os bolinhos de bacalhau vão ficar crocantes, comportem-se! Dona Rosa - que esse aqui tem a mania de chamar de Rosinha de Luxemburgo, às vezes chama até de Rosa dos Ventos quando ela está de ovo virado! - ela nem queria que vocês viessem: se fosse por ela, vocês desapareceriam da face da terra, mas a vida é assim mesmo, ninguém é de ninguém, na vida tudo passa, então antes que passe, vamos fazer de conta que todo mundo ama todo mundo, (ENÉRGICA) vamos comer bolinhos de bacalhau com um sorriso na boca aberta, e vamos todos dizer: Feliz Natal! Noite Feliz! (CANTAROLA BEM ALTO). Noooite...

ELVIRA - Uísque aqui nessa casa, nem pensar, não é?

MARIANA - Estava tudo combinado (MOSTRA O UÍSQUE).

ROSA (VENDO A GARRAFA) - Com o meu dinheiro?

MARIANA - Este (MOSTRA A GARRAFA) foi esse aí que pagou. Ele disse que festa em família, só mesmo anestesiado! E como ele sabe que a mamãe dele adora uma boa anestesia geral...

ROSA - Eu ouvi alguma coisa sobre bolinhos de bacalhau... Com o meu dinheiro?!

MARIANA - Já estão a caminho, mas não é com o seu dinheiro não... (TOCA A CAMPAINHA. ROSA ABRE). É o Juvenal!

ROSA - Não é aqui não! Toca na porta do vizinho. (TORNA A FECHAR).

MARIANA - É aqui sim! Pode deixar que eu sei quem é. (ABRE: JOAQUIM ENTRA COM UMA MULTIDÃO DE PACOTES E O INEVITÁVEL SOTAQUE).

JOAQUIM - Os bulinhos de bacalhau, só falta fritá-los. O *Juvenal* estava lá embaixo com os pacotes. Estava nervoso porque não *qu'riam* deixá-lo entrar. (RINDO) E quer que lhe paguem a conta... é natural, coitado! Quem paga?

ROSA - Juvenal então era isso? E esse aí quem é?

MILORD - *Surprise!!!* Esse é o meu novo motorista. Pode levar pra cozinha, Joaquim, meu caro Lord. Como o nome indica, o meu piloto de provas nasceu em Trás-Os-Montes, Vila Real.

MARIANA - Vem, Joaquim, vem comigo! (SAEM LEVANDO OS PACOTES).

MILORD - É bonito o meu motorista lusitano, não é? As mulheres ficam loucas por ele. Mas eu não empresto! Assanhadas... ainda mais com esse calor natalino... O cio da Terra faz misérias!

ROSA - Você morre de ciúmes?

MILORD - Eu, não, Virgem Santa! (CONVICTO). Quem dá o que é seu, não desmerece... (PAUSA). Não, não é bem esse o ditado, mas serve assim mesmo: espero que vocês tenham entendido o espírito da coisa.

ROSA - Onde é que você achou esse motorista?

MILORD - Tua empregada me indicou, é da igreja dela, varria a casa do padre, limpava latrina, sei lá, com esse desemprego galopante, fiz caridade cristã, assim é capaz que o Senhor perdoe meus pecados menores, quando chegar o Juízo Final... se é que eu vou viver até lá. Por falar nisso, quando vai ser o Juízo Final? Já está marcada a data, horário? Não quero ser pego desprevenido, tenho que me preparar.

ELVIRA - E você não trouxe a sua namorada?

MILORD (RINDO) - Não ia fazer essa maldade com vocês, logo no dia de hoje, santificado. (ESPANTADO). Dominique, nesta casa? Nunca! Nunquinha!!!

ELVIRA - Maldade por que? Você disse que agora é pra valer, que está apaixonado, morre por ela: se é verdade, é bem capaz de cometer a suprema burrice de casar, apesar do exemplo que tem dentro de casa - casamento é o fim do amor! Faça como a sua tia, que ficou pra tia! Não é, Rosa?

ROSA - Olha, se eu encontrasse um homem como o teu marido, eu casava. Na hora. Casava e ia viver infeliz pro resto da vida, bebendo as mágoas *on the rock*...

ELVIRA - Vamos fazer de conta que ninguém ouviu nada.

MILORD - A galinha no quintal dos outros põe ovos mais dourados... (PERCEBE QUE O ÉRRO). Não tinha um ditado mais ou menos assim? Era alguma coisa que, no quintal dos outros, ardia menos... (EMBARALHADO). Olha, não sei, esqueci o ditado, mas vocês entenderam o espírito da coisa, não entenderam? Então?!

ELVIRA - Entendi a galinha e achei muito adequado pra definir teu pai. (FURIOSA). Ele mente o tempo todo. Vai chegar atrasado duas horas e vai dizer que esteve trabalhando: esteve foi na cama com uma das amantes que tem. E você, meu filho, não case nunca: (ENÉRGICA) porque se você tiver o mesmo bom gosto pra escolher mulher como teve pra escolher esse uísque, eu vomito quando você me apresentar à sua noiva, vomito no tapete!

ROSA - Não exagera, Elvira. Você não precisa de pretexto pra vomitar!

ELVIRA - Eu só espero que o Robertão não tenha ido pra cama com nenhuma das minhas amigas: isso eu não posso perdoar! Amiga, não! O marido pode ser de todas, mas a amiga é minha!

ROSA - Homem é isso mesmo, uma traçãozinha aqui outra ali, não tira pedaço de ninguém...

ELVIRA - Não tira pedaço de você, materialista dialética, mas de mim, sim: arranca o meu melhor pedaço, o meu coração! Não quero que meu marido durma com minhas amigas, não quero, é um direito meu! Não quero! Tem tanta desconhecida por aí, por que uma amiga?! Por quê??? (TOCA A CAMPAINHA). É ele!

MARIANA (NA PORTA) - Ih, é a sua irmã carola, pendurada no marido.

ROSA - Carola? Olha quem fala!

MARIANA - Alto lá: eu sou re-li-gi-o-sa. Sua irmã é carola. Tem diferença. Ela peca à vontade, se esbalda, depois confessa ao padre, toda contente, alvoroçada, excitada - ela adora se confessar! Confunde confissão com fofoca! Confessa os pecados delas e os das amigas! Eu não, eu não peço! Em hipótese nenhuma! Não peço! Odeio o pecado! Sou pura, sou virgem!

ELVIRA - Está bem, não peca, não peca, pronto, não peca!!!

ROSA - Nessa idade, campeã de virgindade!

MARIANA - Em hipótese nenhuma! Pecado, vade retro!!! (ABRE A PORTA. ENTRAM BARÃO E EUDÓXIA, TRAZENDO COMIDAS).

BARÃO - Nós pensávamos que íamos ser os primeiros a chegar, mas o Juvenal já está lá embaixo, reclamando. Quem vai pagar?

MILORD- Pendura.

EUDÓXIA - Feliz Natal. (TODOS SE DIZEM *Feliz Natal* VÁRIAS VEZES, MESMO QUEM JÁ SE TINHA VISTO, MULTIPLICANDO-SE ASSIM OS Felizes Natais).

BARÃO - Eu, a rigor, não podia nem ter vindo. O homem pediu que eu fosse lá no Palácio dar uns conselhos pra ele, eu disse: "Não: política tem hora - a política não deve nunca invadir o espaço da família, nem a família o espaço da política!" Essa é uma boa política, não é verdade, minha família?

ROSA (VIGOROSA) - Isso quer dizer que nós estamos todos proibidos de perguntar quando é que você, um político governista, acha que vai acabar essa maldita recessão, quando a terra improdutiva vai ser entregue aos camponeses sem terra, até quando o nosso dinheiro vai tapar os buracos dos bancos quebrados fraudulentamente, quando é que... quando é que... quando é que... Todas essas conversas agradáveis e adequadas pra uma noite de Natal Feliz são temas proibidos!

EUDÓXIA - Pára, pára! Fui eu que proibi o Barão de falar em política esta noite. Aqui, hoje, não se fala em política. Está certo que no mundo existem ricos e pobres, mas isso sempre foi assim, até na época de Jesus Cristo, quando existiam escravos. (DOUTA). Sabiam? Ah, ah! Até escravos havia naquela época, sim senhora! Mas nunca a sociedade, globalmente, esteve tão bem como hoje. Hoje, os pobres passam o Natal sem fome, sem Aids, sem emprego, sem nada... Nada! O resto do ano, sabe-se lá! Mas vamos por etapas, devagar se vai ao longe. Hoje, todos comem. Claro que não tem peru pra todos, mas sempre alguma coisa sobra, cai da mesa! Comamos, minha gente. (COMEÇAM A DECORAÇÃO NATALINA. LIVROS PRA COZINHA. A SALA SE TRANSFIGURA, COLORIDA).

MILORD - Des-fome-lização lenta, gradual e segura... não tinha um ditado assim?

ROSA - Não, mas nós compreendemos o espírito da coisa.

EUDÓXIA - Temos que ser modernos! A Modernidade acabou com tudo! Agora começa tudo de novo.

ROSA - Tudo o quê?

EUDÓXIA (APAIXONADA, ESCANDINDO ALGUMAS PALAVRAS) - Por exemplo: esquerda e direita! Isso já não existe mais, são coisas do pas-sa-do. Ricos e pobres, nada disso: só existe a Mo-der-ni-da-de. Norte e Sul, acabou! Branco e preto, (COM ENTUSIASMO) tudo agora é uma cor só: o verde da esperança!

BARÃO (FELIZ COM O INESPERADO DISCURSO DA ESPOSA) - Já que eu não preciso explicar porque a Bolsa quebra na Ásia e os juros sobem no Brasil, vou explicar minhas preferências vinícolas. Eu prefiro os *Bordeaux* e explico: são os únicos vinhos franceses com direito a se chamarem *Chateau* e, sendo *Chateau*, embora não pareça, a qualidade do vinho e a do milésimo...

ROSA - Por que vocês escolheram a minha casa pra essa palhaçada? Eu não tenho o menor interesse nesse tipo de conversa!

EUDOXIA - Primeiro, não é palhaçada, é festa religiosa com aparência pagã, por causa dos comes e bebes, mas subjacente, está o nascimento do nosso querido Bom Pastor, Divino Mestre.

ROSA - Justamente por isso, não devia ser aqui - eu não sou religiosa, nada, nada, muito antes pelo contrário.

EUDÓXIA - Justamente...

MILORD - Se a montanha não vai a Maomé, a montanha vai ter que acabar parindo um ratinho... (DÁ-SE CONTA DO ERRO). Ihhhh... Não era bem assim o ditado, mas vocês entenderam o espírito da coisa...

EUDÓXIA - Nós achamos que, vendo a alegria familiar dentro da sua própria casa, a religiosidade que nos une, você acabaria até, quem sabe?, não digo indo à missa - desse milagre nem Deus é capaz! - mas, quem sabe?, se confessando, achando que talvez pudesse estar errada... admitir que a religião, enfim... quebra um galho...

MILORD - Catequese, minha tia, estão querendo catequizar você!

EUDOXIA - Um pouquinho aqui, outro ali...

MILORD - De grão em grão a galinha enche o papo, não tinha um ditado assim?

ELVIRA - Você hoje não pára de pensar em galinheiro... (CAMPAINHA). Depois desse provérbio galináceo... só pode ser ele.

MILORD - Quem?

ELVIRA - Teu pai ! (ABREM A PORTA: É O ROBERTÃO) .

ROBERTÃO - Não me digam que já acabou a festa? Não deixaram nem umas empadinhas pra mim? Uns quibezinhos...

ELVIRA - Esse daí não entende nada de Natal, nem ao menos da parte culinária! Onde é que já se viu quibe na noite de Natal?

MILORD - Ora! No Líbano!

ELVIRA - Onde você esteve? Por que chegou tão tarde?

ROBERTÃO - Trabalhando, Elvira, onde é que você queria que eu estivesse?

ELVIRA - Onde eu queria que você **NÃO** estivesse... Pelo menos **NÃO** na noite de Natal. **NÃO** com as minhas amigas.

ROBERTÃO - Já está bêbada.

EUDOXIA (MINIMIZANDO A DISCUSSÃO) - Ficou bonita a mesa, não ficou? Eu sei que esse é o *côté* pagão, mas olha só essas figurinhas de presépio, o burrinho... o Nosso Senhorzinho de fraldas... Mal sabia ele... pois é, que tragédia... ia acabar de fraldas, na cruz... Não é lindo? Mesmo pra quem não é religioso, não é uma verdadeira lição de arte?

ROSA - Vocês gostam mesmo? Arte, pra vocês, é isso?

MILORD - Eu só quero saber quando é que vai começar a distribuição de presentes? É dando que se recebe, quem foi mesmo que disse isso, foi um santo ou um ladrão?

BARÃO - Os dois.

ROBERTÃO - Eu quero propor que, antes dos presentes, a gente coma! *Primum vivere, deinde philosophare* - eu também sei falar latim e me lembro do provérbio inteiro, mas essas virtudes não são geneticamente transmissíveis....

MILORD (RESSABIADO) - Nem essa, nem outras...

EUDOXIA - Primeiro, os presentes. Vamos começar?

ROSA - Não está faltando nada? Ninguém?

EUXODIA - Que eu saiba, não. Mas posso estar enganada. Tudo que foi combinado já chegou... os bolinhos de bacalhau, arroz, rabanadas... Só falta pagar ao Juvenal, mas isso é um detalhe. A conta é detalhe. Podemos sentar à mesa e abrir os pacotinhos.

ROSA - Não está faltando na-da mesmo? (TODOS FAZEM CARA DE Não).

MILORD - liiiihhh.... Vovó!!!!!! (ARREPENDIDOS DIZEM *Mamãe, Dona Flor...*)

ROSA - Vocês prepararam tudo tão religiosamente que esqueceram o principal: a nossa mãe! Que vergonha!

MILORD - Vergonha nada. A vovó não me sai do pensamento, está tão presente no meu coração que nem dei pela falta. (MÃO NO CORAÇÃO). Ela está aqui!

ROSA - Cínico...

BARÃO - Pode ser cínico, mas tem uma ponta de verdade. Eu, por exemplo, quando vejo a Eudóxia - vejo a Eudóxia todo santo dia, caramba! - eu vejo a velha dona Flor.

EUDOXIA (APREENSIVA) - Em que sentido?

BARÃO - Como se fosse a dona Flor rejuvenescida, mas se parecem muito. Na maneira capenga de andar, por exemplo. As duas manquitolam, as duas parecem ter uma prótese em lugar da perna esquerda...

EUDOXIA (IRÔNICA E MAGOADA) - Você é tão elegante, tão delicado... (VOLTA AO CLIMA FESTIVO). Bom, o melhor a fazer é não fazer nada, esperar.

ELVIRA - Esperar o quê!! Como é que ela vai vir sozinha? A pobre da mamãe está entrevada na cama: alguém tem que ir buscar.

MILORD - Eu também acho: **alguém** tem que ir buscar. E logo! Loguinho!!!

ROBERTÃO - Eu estou cansado: trabalhei o dia inteiro, cansadão...

ELVIRA - Se trabalhou mesmo, trabalhou sentado, com as mãos, escrevendo, e a boca, falando, mas o resto do corpo, o tronco e, sobretudo, os membros - ah! os membros! - não fizeram nada, você pode muito bem levantar a bunda dessa cadeira e sentar essa gorda bunda no banco do carro, botar o ar refrigerado, porque está um calor danado de Satanás nenhum botar defeito, e ir buscar a coitada na nossa mãe resignada.

ROBERTÃO - Está bêbeda... (SENTA-SE).

BARÃO - Eu teria muito prazer em buscar a Dona Flor. Trazia nas costas. Acontece que o homem lá no Palácio pode me chamar a qualquer momento, tenho que estar perto do telefone.

ROSA - Você não tem celular? O homem do Palácio não tem o número?

BARÃO - Claro que tem. Mas imagina a cena, eu com Dona Flor nos braços, toca o telefone, é o homem me pedindo de joelhos que eu vá ajudá-lo, não posso largar a velha, perdão, a mãe de vocês, no meio da rua, e ir correndo pro Palácio... Pode até ser atropelada...

MILORD - Eu, estou cansadérrimo... cansadezérrimo...

ROSA - Manda o teu motorista...

MILORD (EXPLOSÃO INCONTIDA DE JUSTA REVOLTA IDEOLÓGICA!) - Está louca, minha tia? Logo você, Rosinha de Luxemburgo, heroína dos direitos humanos, libertadora da classe operária, musa dos camponeses sem terra, logo você sugerindo que eu explore o mísero proletário em noite de Natal pagã, pra ir buscar a velha, perdão, vossa mãe e minha avó! É inacreditável! Que diria Mao Tsé Tung se ouvisse você. E Chou-en-Lai? E todo o Exército Vermelho, o que diria

o Exército Vermelho se ouvisse você? Ainda bem que Marx e Engels morreram sem ter tido esse desgosto: que sorte a morte! (ROSA VAI ATÉ A COZINHA E CHAMA).

ROSA - Ô motorista, vem cá. Oi, você aí. (PARA MILORD) - Como é o nome dele?

MILORD (SORRINDO) - Lord Byron: ele tem nobreza, não tem? Apesar de reles desempregado que era, tinha uma certa nobreza no olhar. Detectei logo! E como toda a minha criadagem tem que ter Lord no nome - Lord Zezé, Lord Esmeraldino, Lady Maria Bonita, a cozinheira - nada mais lógico que esse daí fosse nomeado Lord Byron. Mas pode chamar de Joaquim, que ele vem mais depressa.

ROSA - Lord Joaquim, vai aqui neste endereço, (ENTREGA UM PAPEL) e traz a senhora dona Flor que já deve estar desmaiada, inconformada!

EUDOXIA (NO TELEFONE) - Mamãe!??? Eudóxia. Sou eu, Eudoxinha. Nós estamos todos impacientes esperando a senhora, aqui só se fala em dona Flor pra cá, dona Flor pra lá, dona Flor, dona Jardim do Éden, com caramanchão e tudo! Abençoada seja! Ele já está indo praí, o motorista, é um homem forte, musculoso, simpático, e se chama Byron, Lord Byron por extenso... Dizem que é poeta! (GULOSA, SENSUAL). Se não é poeta, pelo menos é uma poesia muscular, concreta, concretíssima, atordoante! Ai! Ai!

MARIANA (SAINDO DA COZINHA) - Posso ir com ele?

ROSA - Pode e deve: ajuda a carregar a cadeira de rodas.

MARIANA - Daqui a dez minutos estamos de volta!

MILORD - Lord, ô, Lord, aproveita e me traz um maço de cigarros. Qualquer marca serve! Bem grandes!

ROSA - Você fuma?

MILORD (NERVOSÍSSIMO) - Fumo não, dá câncer, mas é um tique nervoso: Dominique não está aqui do meu lado e eu tenho que agarrar alguma coisa nas mãos quando estou nervoso, um charuto, uma banana, um cigarro, seja o que for! (EXPLOSIVO) E eu estou nervosíssimo, sai pra lá papai, não quero conversa, sai, sai pra lá. (BERRA). Lord: vai de uma vez!! Mariana, fecha a porta, que eu não suporto corrente de ar!! (SAEM MARIANA E JOAQUIM). Estou com raiva de vocês todos, muita raiva: esqueceram a vovó! Aquela santa! Santa Vovó!

EUDÓXIA (QUE NÃO ENTENDEU DIREITO) - Eu também fico com muita raiva quando não fumo! Graças a Deus, tenho força de vontade! Antes, fumava demais, por qualquer motivo. Fumava depois do café, depois do almoço, depois do jantar, depois de ler jornal, depois de olhar a paisagem pela janela, depois de

fazer carinho no gato, depois de tudo, eu fumava! Agora não: só fumo depois do café. (PAUSA). O único inconveniente... é que agora eu tomo café o dia inteiro...

ELVIRA - Sejamos práticos: já que não podemos matar a fome antes da velha, perdão, da nossa mãe chegar, nem avançar nos pacotes, vamos pensar como é que, desta vez, vamos distribuir os presentinhos.

EUDÓXIA - O Barão, que entre outras coisas é economista, formado em Wall Street, onde passou mais de um ano logo depois de casado, me deixando sozinha, abandonada, cuidando do jardim e da horta, ele que é técnico em números e subterfúgios, vai nos dizer como será. Fala, Barão!

BARÃO - Existem três hipóteses. Eu vou fazer do mesmo jeito que faço quando falo com o homem lá no Palácio: ele me pede conselho, eu dou, mas quem decide é ele, o patrão, como aqui vão decidir vocês. (EUFÓRICO). Vocês estão no Palácio da Família: o lar!

MILORD - A Democracia é o pior dos sistemas possíveis, com exceção de todos os outros - Winston Churchill! (EXULTANTE!) Desta vez eu recitei direitinho até o nome do autor do provérbio. Viva!

ROSA - Provérbio não tem autor, é domínio público.

MILORD - Coisa mais sem graça...

BARÃO - Primeira hipótese: quem vai dar o presente se levanta, agarra o embrulho e as outras pessoas perguntam o que seria o amigo oculto se fosse uma cor, se fosse uma pedra preciosa, se fosse uma ave, se fosse...

MILORD - ...um macaco, uma bruxa, um vampiro, se fosse um helicóptero... Entendi... Aí todo mundo tem que adivinhar a marca do helicóptero, a raça do macaco, os dentes do vampiro e a velocidade de cruzeiro do vôo da bruxa no cabo da vassoura, não é assim? Entendi direitinho! Tudo!

BARÃO (SORRINDO, CONTRARIADO) - Aí, por dedução, as pessoas descobrem quem é o amigo oculto.

MILORD - Eu, por exemplo, se fosse... água... o que seria eu? Plácido lago ou Oceano Atlântico? (RINDO). Não, não: eu estou mais para Pacífico do que pra Atlântico. (ALEGRE). Seria um rio caudaloso? Pororoca Amazônica, Cataratas do Iguaçu, uma tempestade ou... um simples e despretensioso copo d'água?

ROSA (SUAVE) - Uma gota de orvalho, Milord.

MILORD - E se eu fosse fogo? Seria fornalha de aço, labaredas de Dragão Chinês, vulcão, incêndios criminosos no Amazonas... ou...

ROSA (DOCE) - Um fósforo, Milord.

MILORD - Todo mundo já entendeu. Prossiga.

BARÃO (DIDÁTICO) - Segunda hipótese: a gente bota os presentes na mesa, pacotes grandes e pequenos, pode ser um presente pequeno num pacotão, pra enganar, ou vice versa, se for possível, e sorteia um a um, e cada convidado pode tirar o pacote de que mais gostar, inclusive aquele que já tem dono, tira do dono, o dono tira outro qualquer, até que todos os presentinhos já tenham sido distribuídos e aí ninguém tira mais nada de ninguém, todo mundo abre o seu presente e, não gostando, pode trocar.

EUDÓXIA - Interessante. As duas formas são muito inteligentes. Não é, Barão?

BARÃO (VINGANDO-SE) - Por exemplo, engraçadinho, se você abre o seu pacote e acha uma calcinha cor de rosa rendada, você pode trocar o seu presentinho com o da sua mãe, sua tia ou sua avó.

MILORD - E se eu quiser ficar com a calcinha? Cada um escolhe como se veste...
Indumentária não-se-dis-cu-te!

ELVIRA (DISFARÇANDO) - Vamos fazer de conta que ninguém escutou nada e você explica a terceira hipótese.

BARÃO - A terceira é a que eu mais recomendo: o presenteador começa dizendo, "o meu amigo oculto é uma pessoa assim, assim..." e o indigitado tem que se auto-descobrir. (NINGUÉM ENTENDE DIREITO). Novos exemplos: "... o meu amigo oculto é uma pessoa que eu gostaria que fosse tão meu amigo quanto ele é oculto" - quando se trata de uma pessoa que a gente vê pouco. Ou então: "O meu amigo oculto tem quatro olhos" - quando usa óculos, etc. Entenderam?

MILORD (IRÔNICO) - Esse eu adorei: é muito criativo! Quatro binóculos, telescópios, estroboscópicos, como era mesmo?

ROSA - Besteira por besteira, fico com a terceira hipótese.

EUDÓXIA - O importante é a festa em família, a família, é o único dia no ano em que a família se encontra, a família se ama, se perdoa, família, família...

ROSA - Perdoa o quê? Eu não tenho nada que pedir perdão.

EUDÓXIA - Sempre se tem, minha filha, sempre se tem. É só lembrar. Somos todos pecadores inconscientes!

ROBERTÃO - O que é que a mãe de vocês tem, afinal? Que ela está entrevada há séculos, todo mundo sabe, mas a *causa mortis* ninguém faz idéia. Não era reumatismo?

EUDÓXIA - Também. Tem reumatismo, mas isso não é o pior.

BARÃO - Não era diabetes?

EUDOXIA - Também. Tem também.

ROSA - Não era erisipela?

EUDÓXIA - Também, também tem.

ELVIRA - Eu pensei que fosse mais psicológico, doença mental crônica, paranóia, esquizofrenia, parafernália, neurose galopante... Coisa mais para o lado espiritual e não essas idiotices de gastrites, encefalites, estomalactites...

EUDÓXIA - É físico *E* psicológico: ela tem perda de memória e só lembra coisa antiga. Esquece de hoje e se lembra menina, pensa que foi ontem. A gente tem o dever de agüentar. É dever perante Deus. Não esqueçam que ela trocou nossas fraldas: agora são elas por elas, fraldas pra lá e pra cá! - temos que pagar as benfeitorias recebidas.

MILORD - Crueldade trocar fralda de bebê: criança gosta de cocô, adora, tem que deixar se lambuzar de merda... É saudável. Que manias civilizatórias! (TOCA A CAMPAINHA).

EUDÓXIA - Agora, tem uma coisa. Pode ser que ela não esteja na sua melhor forma intelectual, entendem? Tão doente... Façam de conta que não é nada: só sorrisos, esteja ela como estiver. Sorrisos. Este é o último Natal com a nossa mãe viva: tem que ser um sucesso, o Natal dos nossos sonhos. Uma festa que ninguém esqueça, nunca!

ELVIRA (ALTERADA PELA BEBIDA, CANTA) - "Mamãe, mamãe, mamãe, o avental todo sujo de ovo"... (CAMPAINHA).

EUDÓXIA - Você, Robertão, larga esse telefone e tenta, pelo menos uma vez, na noite natalina, tenta te integrar à família. Como diz a Elvira, minha irmã, vamos fazer de conta. E você, Barão, pára de fazer contas e tenta ser fa-mí-lia. (TENTANDO SER ENGRAÇADA). Às vezes, sabem?, eu digo que o Barão tem três mulheres: eu, é lógico, primeira e única; o telefone, é a segunda; e a terceira essa maquininha infernal - está sempre calculando se ganhou ou perdeu. Até na cama, são inseparáveis! Ele e nós três: a esposa, a maquininha e o telefone. Não é, Barão? Na nossa cama, a única coisa que sobe e desce é a Bolsa!

MILORD - Verdadeira bacanal eletrônica. Tele-Suruba! (NINGUÉM ESCUTA). Quem faz questão de não escutar, não escuta!

ROSA (CAMPAINHA) - Bom, que entre a mamãe e comece a festa da família e do comércio varejista, pra matar dois coelhos com uma só paulada! Entra, mãe!

EUDÓXIA - Estão prontos?

ROBERTÃO - Uma questão de ordem prática: quanto tempo vai durar essa coisa?

EUDÓXIA - Que coisa?

ROBERTÃO - A festa... como um todo.

EUDÓXIA - Depende de nós: pode acabar logo depois da distribuição de presentes, pode acabar depois da missa do Papa, digo, do Galo, digo do Galo rezada pelo Papa ou do Papa rezada pelo galo... já não sei...

MILORD - Missa cantada, cocococorocóco...

BARÃO - Tempo é dinheiro.

ROBERTÃO - Minhas pernas estão trêmulas, mais dez minutos, desabo...

ELVIRA - Você não trabalha sentado?

ROBERTÃO - Por isso mesmo... agora preciso me deitar...

ELVIRA - Não tem lógica... (TORNA A TOCAR).

MILORD (HISTÉRICO) - Bom, se não tem um macho aqui nesta casa que se disponha a abrir a porta pra vovó, eu mesmo vou! (LEVANTA-SE). Não tem?! (PAUSA). Não tem mesmo? (FURIOSO). Eu vou! (ABRE: JOAQUIM TRAZ A CADEIRA DE RODAS COM DONA FLOR, NÃO EXATAMENTE EM ESTADO DE COMA, MAS COM EXTENSOS CUIDADOS MÉDICOS TRADUZIDOS EM GASES, TUBOS E BALÕES DE VIDRO - TUDO FARTO. PORÉM DISCRETO). Vovó, esqueceram-se da senhora, esqueceram de ir buscá-la em casa, esqueceram-se de abrir a porta, esqueceram-se daquela a quem devemos a própria vida, mas eu não esqueço nunca, aqui me tens aos teus pés, vovó querida, Milord, neto único! Um beijo. (EFUSIVOS E REPETIDOS *Feliz Natal*, BEIJOS, ABRAÇOS. PAUSA).

EUDÓXIA - Fala, mamãe!

DONA FLOR (CARINHOSA, FALA ALTO E BOM SOM, DEPOIS DORME) - "Proletários do mundo inteiro, uni-vos".... (PERPLEXIDADES). Era isso que você queria que eu dissesse, não era mesmo, Rosa? (ENTUSIASMADA). Rosinha, Rosae, Rosarum, eu

me lembro do meu latim de quando era criança, Rosarum, flor, flor como eu, você é uma flor, Rosa. Eu vim por sua causa, mas não digo proletários não, cada coisa tem sua vez, e hoje é a vez de outra coisa...

EUDOXIA (ENTUSIÁSTICA) - Isso mesmo, mamãe, é a vez da Ceia de Natal, da família, da união, do esquecimento, do perdão... Vamos esquecer.

ROSA - Podemos lembrar da nossa fome! Vamos comer!

MARIANA - Joaquim, vamos pra cozinha que a família está reunida e isso é festa só pra eles. Nós não somos família. Vamos pra cozinha.

JOAQUIM - Mas o Juvenal está lá na porta, esperando que o paguem...

MARIANA - Deixa o Juvenal pra lá, o Juvenal é detalhe... (SAI COM O JOAQUIM).

DONA FLOR (ALEGRE) - O farmacêutico me proibiu de sair. Em médicos eu não acredito, em farmacêutico sim: médico pensa na doença, farmacêutico no doente, ele é o proletário da medicina, não é mesmo, Rosa? (CARINHOSA). Rosinha, Rosae, Rosarum...

BARÃO - Nós vamos ficar com ciúmes, Rosinha pra cá, Rosa, Rosarum pra lá, e nós aqui no meio? Eu não sou proletário, mas também sou filho de Deus...

DONA FLOR - Dele, pelo menos, você tem certeza, não é mesmo? É a nossa única certeza... O resto são dúvidas...

ROBERTÃO - Não foi pra falar sobre isso que a senhora veio aqui, ou foi?

DONA FLOR - Em parte, foi! Logo vocês vão entender as razões das minhas palavras misteriosas... Rosarum... Rosae...

ROSA - Bom: onde é que a gente estava mesmo?

MILORD (LIRISMO ENTUSIASMADO) - Nos presentes: se eu fosse um jasmim, um lírio, um copo de leite, se eu fosse um girassol - que, no íntimo, é o que eu acho que sou mesmo, um girassol de Van Gogh! - se eu fosse uma cordilheira, precipício, despenhadeiro, se eu fosse um animal selvagem, onça, pantera, leão... E se eu fosse a vovó? Como eu seria eu, se eu fosse a vovó?

ROBERTÃO - Proponho que a gente comece a distribuição dos brinquedos, porque se não a Elvira não vai nem se reconhecer quando alguém disser: "O meu amigo oculto é um velho alambique..." Ah, ah, ah...

ELVIRA (QUE ESTAVA BEBENDO) - Que foi que ele disse?

ROBERTÃO - Está vendo? Não entendeu a sutileza.

ROSA - Se é pra dar presente, vamos logo acabar com isso!

EUDOXIA - Vamos começar.

ROSA - Eu faço questão de chamar a Mariana. (MARIANA ESTICA O PESCOÇO DA PORTA). Não é família, mas é como se fosse. Trabalha pra mim desde criancinha, é justo que participe.

MARIANA - Principalmente porque eu também trouxe o meu presentinho pra minha amiga oculta. Estava tudo combinado.

ELVIRA (LÚCIDA NA EMBRIAGUÊS) - Vamos fazer uma exceção, mas que fique bem claro que se trata de exceção. Exceções não se repetem periodicamente, por isso são excepcionais; ela não é família, mas sendo hoje o dia do perdão, está perdoada: fala! Excepcionalmente, Mariana tem a palavra: quem é o seu amigo, ou amiga, ou admiradora, ou simples conhecida oculta?

EUDÓXIA - Que surpresa vocês vão ter!

MARIANA (SEGURA UM DOS PACOTES E, TÍMIDA, RECITA) - A minha amiga, que nunca está oculta... que eu vejo todos os dias... Já descobriram? Não? A minha amiga oculta de muitos anos...

MILORD - É a sua mãe, é a vizinha, é o gato?

EUDÓXIA (ENÉRGICA) - Pára de dizer bobagens, menino! Respeite a família, já que não respeita a empregada.

MARIANA - A minha amiga oculta é muito boazinha... é uma pessoa que merecia muito mais do que tem. Mesmo que tenha tudo, uma coisa está faltando e toda mulher precisa ter, mulher foi feita pra isso mas, enfim, a vida é como Deus manda, e ela se casou com os livros... que aliás eu acabei de botar na cozinha, que é o lugar de livros socialistas...

ROSA - Quem é??? Diga logo!!!!

MARIANA - A minha melhor amiga oculta, que não é nada oculta, nem oculta nada, que é muito sozinha, que lê demais, gasta a vista e a vida lendo, é a melhor patroa do mundo... Entenderam agora?

MILORD - É a vovó?

BARÃO - Esse daí tem a mania da vovó. Se ele pudesse nascer de novo, na outra encarnação ele seria avó de alguém!

ROSA - Sou eu!

MARIANA - É: como é que a senhora adivinhou?

ROSA - Intuição feminina. O que é? (ABRE: UMA REVISTA COR DE ROSA). *Minhas Queridas Amiguinhas*. Você não acha que eu já leio bastante?

MARIANA - Ler, a senhora lê até demais.

ROSA - Então?

MARIANA - Os seus livros só têm palavras. Tudo palavras. Nem desenho, nem fotografia. (VALORIZANDO SEU PRESENTE). Aqui não: todos artistas de televisão estão aí, a senhora reconhece só de olhar. Está cheia de fotografias e fotografia a gente lê muito mais depressa.

ROSA - Muito obrigada pela lembrança.

MARIANA - Agora é a sua vez.

ROSA - Eu não comprei presente pra ninguém.

EUDÓXIA - Estava tudo combinado: nós pensamos em tudo. Compramos presente e escolhemos o seu amigo oculto. Esse sim, é oculto mesmo, até pra quem dá! (ENTREGA UM PACOTE À ROSA)

ROSA (LÊ O ENVELOPE NO PACOTE) - Eu não sei o que dizer.

MILORD - Segue o exemplo da sua empregada: diz qualquer bobagem.

ROSA - É uma pessoa que eu nem conheço...

ROBERTÃO - Qualquer bobagem: a primeira idéia que tropeçar na sua cabeça...

ROSA - Bobagem por bobagem, bobagem e meia: o meu amigo oculto, que eu nunca vi mais gordo, é magro com cara de fome, (BRINCANDO DE SECTÁRIA) é um homem que não tem nada a perder além dos grilhões que o escravizam, maltratado pelo patrão, (OLHANDO MILORD) um homem que nunca ouviu falar em luta de classes, maisvalia, neo-colonialismo, globalização da miséria, privatização dos lucros...

MILORD - Você está se referindo ao meu criado?

JOAQUIM (ASSUSTADO) - Eu também entrei na dança? Ora pois...

ROSA - Você mesmo, companheiro.

MOTORISTA - Ora, muito obrigado. (ABRE). O que é que é isto?

EUDÓXIA - São luvas de pelica pra você agarrar o volante com dignidade, delicadeza. (SORRISO ESPANTADO). Uma coisa que me irrita aqui no Brasil é que os motoristas não usam luvas, como na Europa.

JOAQUIM - Muito obrigado, mas queira desculpar, porque eu não vim preparado... não trouxe nada...

EUDÓXIA - Eu pensei em tudo: procure o seu presente na cesta. (O MOTORISTA PEGA UM PACOTE).

JOAQUIM - Achei.

EUDOXIA - Fale o que lhe vier do coração.

JOAQUIM - Eu não vim preparado, não sei o que dizer.

EUDOXIA - Fale sem medo, porque Deus fala pela boca dos ignorantes, perdão, dos inocentes, e você é um inocente, tão inocente e tão ignorante que nem sabia que os motorista europeu usa luvas.

JOAQUIM - No verão?!

EUDOXIA - Na Europa não existe verão! Está vendo? Você nem sabia disso. Verão é coisa de país subdesenvolvido. Verão é coisa de nativos! *Natives!*

ROBERTÃO - Fala logo, diz uma asneira qualquer e passa a bola adiante. Vamos comer!

JOAQUIM - O meu amigo oculto é... uma boa *p´essoa*. (ALEGRE) *Ad´vinharam?*

MILORD - Somos todos nós! Pessoas boníssimas. Dá mais detalhes biográficos!

JOAQUIM - O meu amigo oculto é uma boa *p´essoa*... e mais: ele é muito simpático. (CERTO DE QUE AGORA SIM). *Ad´vinharam?*

EUDÓXIA - Simpáticos somos todos!

MILORD - Esta é a família mais simpática que eu tenho.

JOAQUIM - O meu amigo oculto é boa *p´essoa*... muito simpático... e tem bom coração. (DÚVIDA). *Ad´vinharam?*

ROSA (IRRITADA) - Lord Byron, dá as iniciais!!! Diz alguma coisa mais clara, porque se não eu vou ter um ataque de apendicite aguda!

JOAQUIM (NERVOSO, ALTO) - Se não *advinham* por bem... tenho que ser indiscreto e vou às vias de fato!!

MILORD - Deus me livre e guarde!

ROBERTÃO (PARA ELVIRA, BAIXINHO) - Quando é que vai acabar esta cerimônia?

JOAQUIM - Vamos lá: o meu amigo oculto pensa que é bonito... Mas não consegue levar um amiguinho pra casa sem acertar o preço antes: ninguém vai de graça. (ALEGRE). *Advinharam?* (LÍVIDOS TODOS. SILÊNCIO. ESPANTADO). Não *advinharam????* Por que? Quando a Mariana disse: "É a patroa mais boa do mundo", todo mundo descobriu. Agora é a mesma coisa, até mais fácil: (DIDÁTICO, LENTO) o meu amigo oculto leva os *meninos* pra casa, sim senhora... mas antes tem que pagar! (SORRIDENTE). É muito fácil. Quem *advinha?* (SILÊNCIO TENSO).

MILORD - Eu acredito... que... talvez... o meu serviçal... talvez... esteja se referindo... à minha própria e modesta pessoa. (SUSPENSE).

DONA FLOR (ACORDA) - Eu estava dormindo, não entendi muito bem: quem são esses meninos? Que idade têm?

JOAQUIM - Todas. É uma *culeção* completa. (PAUSA).

ROBERTÃO - É claro que ele está brincando...

ELVIRA (FURIOSA) - Põe na rua! Sou eu que bebo e ele que fica de porre! (GRITA). Rua!!! Esfola!!! Paredão!!! Fogo!!!

EUDOXIA - Noite de Natal é noite do perdão. (VOZ BAIXA). Ainda por cima, pode ser que ele esteja dizendo a verdade. (PARA OS OUTROS). Milord, sabe-se lá...

ELVIRA (INDIGNADA) - Verdade tem hora!

ROBERTÃO - Você não vai ficar passivo diante dessa afronta, meu filho!!!!!!

MILORD - lllllllllll, papai, essa teoria da passividade, hoje em dia, é um conceito muito controvertido!

ROBERTÃO (RAIVOSO) - Controvertido? Meu filho, reaja! Despede esse moleque... assim que acabar a ceia de Natal, considerando o que disse a Eudóxia: o perdão só vale até a meia noite! Depois, rua! E não paga o seguro de saúde!

MILORD (NERVOSO) - Ele vai se retratar. Olha aqui, motorista, piloto de provas: alguma vez eu lhe dei dinheiro pra pagar quem quer que seja?

JOAQUIM - A mim não, porque eu recusei. Trabalho só dentro do carro, não me meto na vida do patrão... Nem na vida nem no quarto.

ELVIRA (COMBALIDA) - Meu filho, diga a verdade: você é homossexual? Você fez essa opção indecorosa?

MILORD (CONSTRANGIDO, MAS SEM RECUAR) - Mamãe, está cientificamente provado que a orientação sexual... Veja bem, orientação sexual e não opção... Está cientificamente provado que o ser humano...

BARÃO (SEM PAPAS NA LÍNGUA, VOCIFERA) - Está cientificamente provado que se o ser humano não fizesse um esforço pra andar de pé com duas pernas, estaria até hoje cavalgando a quatro patas. Se o ser humano não fizesse um esforço pra descer das árvores, estaria até hoje pendurado nos galhos, (INTENCIONAL) pelo rabo... Ora veja! Por isso é que eu nunca quis ter filhos! Está cientificamente provado... Filhos, melhor não tê-los. Ah, Vinícius, quanta sabedoria...

ROBERTÃO - Olha aqui, você não se meta, o filho é meu! Você não teve filhos porque teve medo, cale a sua boca!

BARÃO - Claro que é seu, porque se fosse meu filho já tinha levado tanta porrada na coluna vertebral que já estaria tetraplégico, mais entrevado do que a velha... Perdão, a mãe de vocês... Tetraplégico e caolho!

MILORD (MAGOADO) - Tetraplégico, eu até compreendo, mas caolho já é exagero! Eu não mereço!

ROBERTÃO - Pois cale a sua boca que eu sou muito macho!

BARÃO - Sempre que o pai é macho demais o filho sai pela culatra!

DONA FLOR (ACORDA) - Eu não entendi direito, mas parece que houve um mal-entendido... um desacordo... desavença... (NINGUÉM DÁ ATENÇÃO Á VELHA. ELA DORME OUTRA VEZ). Deixa pra lá...

ELVIRA - Meu filho, não ponha a culpa em mim. Pelo amor de Deus: eu não tenho culpa!

MILORD (AOS BERROS) - Que culpa, mãe?! Que culpa????!!

ELVIRA (DRAMÁTICA) - Eu entendo que esses meninos que vivem choramingando agarrados às saias da mãe acabem desse jeito tão controvertido. Mas você não: eu nunca dei a menor atenção a você, nunca gostei de cuidar de você, não me importava com o que você comia, não te levava ao médico, não dava remédio, nunca te limpei o nariz, pensei sempre só em mim mesma, nos meus vestidos, na moda, na praia, larguei você com as empregadas, larguei sozinho com o

cachorro, ao Deus dará... e como é que você vira homossexual como se eu... como se eu tivesse sido uma mãe amantíssima, *idishmami* judia, uma *la mamma* italiana, uma... uma...? Eu sou uma infeliz! Como é que você fez isso comigo? Eu vou desmaiar. (ARRUMA O SOFÁ E DESMAIA).

MILORD (VAI ATRÁS) - Antes de desmaiar, escute aqui: com a senhora, mamãe, eu não fiz nada! Se fiz alguma coisa, se faço ainda, se vou fazer, é com os meninos, como ele disse: mas todos são maiores de idade! Não sou infanticida! (DESANIMADO). Já desmaiou...

ROBERTÃO - Então é verdade????!!!

MILORD - O quê é a verdade, pai, o quê?

ROBERTÃO - Não vamos falar de filosofia agora! Vamos falar da minha honra!

MILORD - Quem leva os meninos pra casa sou eu, pai, não é a sua honra! (BERRANDO NO OUVINDO DA VELHA SENHORA). O que é, vovó, o que é????!!! O que é que a senhora quer agora????!!! O quê???

DONA FLOR (SUAVE) - Tem castanhas assadas?

ROSA (IRRITADA) - Tem castanhas sim, mamãe, eles previram tudo, trouxeram até mais do que precisava.

MILORD (DÁ-LHE CASTANHAS, ELA COME) - Vai, come as suas castanhas e descansa, esperando a paz celestial, eterna...

DONA FLOR (MALICIOSA) - Quando eu era menina roubava castanhas assadas antes da festa. Ninguém notava. Se a gente fizer as coisas bem feitas, ninguém repara... Discreto, ninguém descobre. Não se pode é dar bandeira, aí todo mundo desconfia.

MILORD - Está falando comigo?!

ROBERTÃO (SÉRIA RESOLUÇÃO DEFINITIVA) - Você pode não despedir o seu motorista, pode fazer de conta que não aconteceu nada, mas eu posso deserdar você! Posso botar você na rua, sem um miserável tostão furado! Posso e devo, e sou capaz! (TOM CONCILIADOR). Mas, primeiro, vamos acabar essa festa, essa... efeméride ou lá o que seja, que hoje é o dia do perdão, como disse a Eudoxinha.

BARÃO (ESPANTADO) - Eudoxinha? Não gosto de ouvir esse diminutivo. Fique lá com os seus problemas familiares. Não meta a minha família nisso, muito menos a minha mulher!

ROBERTÃO - Primeiro vamos acabar essa festa, ritual, essa inauguração, tertúlia, esse sei lá o que, depois vai ter resposta. Resposta à altura dos agravos cometidos!

MILORD - "Me espera lá fora, depois da aula!" - era isso que eu costumava ouvir na escola.

ROBERTÃO - Pois está precisando de novo da palmatória. Vamos continuar: esse festival começou, tem que acabar! Depois, a palmatória!

ROSA - Depois vocês conversam e quem conversa se entende. O diabo não é tão feio como o pintam.

ROBERTÃO (AGRESSIVO, CAÇANDO BRUXAS) - Você é que sabe, Rosa, a cor do diabo você é que sabe! Com esses livros que anda lendo, você é especialista em Satanases e Belzebus! Agora, vamos continuar esse carnaval!

MILORD - É a minha vez.

ROSA - Mas qual foi o seu presente?

MILORD - Uma camisinha cor de rosa, é lógico, nem podia ser de outra cor! Camisinha musical: dependendo do ritmo, você ouve o "Danúbio Azul", "Pour Elise" ou a "Cavalgada das Valquírias"! Tudo depende do ritmo da pessoa amada! (PEGA O PACOTE). Agora, eu. (LÊ). Olha que sorte!!!! Meu Deus do Céu, valha-me a Virgem Maria Santíssima, neste dia que é só seu: que sorte que eu tive. Vejam só quem é o meu amigo oculto.

ROBERTÃO (AGRESSIVO) - Amiguinho.

MILORD - Não, pai: amigão!

ROBERTÃO - Mais uma surpresa. Continua!

MILORD - O meu queridíssimo amigo oculto, ele até que se mostra bastante, mas oculta e também se oculta. Como direi? É difícil, viu?

EUDÓXIA (ASSUSTADA) - Minha Nossa Senhora, é agora!

ROSA (CONTENTE) - Coragem!

MILORD - Vamos começar de novo. O meu presentinho vai para o meu amigo oculto que gosta de se ocultar em qualquer lugar - dentro do quarto, bem entendido! - no armário, embaixo da cama, esperando o marido sair. Ainda não entenderam? Gosta de entrar pelas janelas... Ninguém sabe quem é?

ROSA - Quem será esse Don Juan?

EUDÓXIA (TENTANDO MUDAR DE ASSUNTO) - Ái, meu Deus! Eu conheço o Barão: ele está começando a ficar nervoso. Barão, você é um homem calmo. (AOS BERROS). Paciência! Isso vai acabar logo. Calma.

MILORD - Vou explicar melhor: o meu amigo oculto tem um apelido discreto: entre os íntimos, ele é Dom João Sétimo. Como todos sabem, o Rei Dom João Sexto gostava de comer fran-GOS. E o meu amigo oculto gosta de comer fran-GAS. (OLHANDO EUDÓXIA). E até galinhas um pouco mais idosas, aí ele chama pelo diminutivo: minha carijózinha, galinhazinha da Angola, minha pombinha juriti, coisas assim, delicadas. Entenderam agora? (EUDÓXIA DÁ UM GRITO E DESMAIA).

BARÃO - Os sais, os sais!

MILORD - Que sais, Barão: isso é fita! Ela volta a ela, ela volta a si, ela se reviravolta, ela volta a não sei quem, não sei como é que se fala, mas sei que vai se levantar já, já. Se quiser apressar, joga um balde d'água fria na espinha, bem gelada, que ela levanta ao primeiro contato líquido!

BARÃO - Eu não tenho palavras pra dizer o que eu penso de você...

MILORD - O Novo Dicionário Escatológico da Língua Portuguesa está cheio de palavras adequadas para essas ocasiões. Aliás, nem me ocorreu, mas seria um belo presente pro dia de hoje! Mil palavras pra cada vício!

BARÃO - É claro que esse insulto, essa pouca vergonha, essa insensatez... é tudo mentira...

ROBERTÃO (NERVOSO) - É claro... é mentira! Esse menino é vingativo... Vamos fazer de conta que ninguém escutou nada, não é, Elvira? Ninguém disse nada!

ELVIRA - Não sei não: em se tratando de você, melhor investigar.

ROBERTÃO - Você acha que eu seria capaz? Ela, não sei, não ponho a mão no fogo. Mas eu? Eu, eu sei: eu não! Você não acha que não?!

ELVIRA - Acho que sim!

BARÃO - Você seria capaz de tudo, mas a Eudóxia é uma mulher virtuosa!

ROBERTÃO - Quando um não quer, dois não brigam.

ELVIRA (DECIDIDA) - Vamos investigar: onde é que você esteve hoje a tarde?

ROBERTÃO - No escritório, trabalhando... sentado!

ELVIRA - E como é que eu passei a tarde telefonando e você não estava nunca no seu escritório? Mentiroso! Eu vou ter um troço, vou desmaiar... (DESMAIA).

BARÃO - E você, onde é que você passou a tarde, hoje, a tarde da noite de Natal? Acorda desse teu desmaio e responde: onde foi que você passou a tarde?

EUDÓXIA - No dentista.

BARÃO - Abre a boca! O que foi que ele fez? Mostra. (ELA ENTREABRE A BOCA E OS DOIS SE OLHAM COMO LUTADORES QUE SE ESTUDAM). Vai ter que mostrar o canal aberto, a piorréia, alguma coisa que prove que você esteve no dentista. Abre a boca, mais, escancara! (METE A MÃO NA BOCA DA ESPOSA, ILUMINANDO-A COM A VELA QUE ENFEITAVA A MESA). Eu não vejo nada, nenhuma obturação, nenhuma cárie, extração de dentes, nada! Dentadura perfeita!

EUDÓXIA (FEROZ, MELODRAMÁTICA) - Você não vê nada, mas vai ouvir tudo! Que humilhação! Que tragédia! Duvidar da própria esposa... Na própria casa da minha própria irmã! Na frente da minha própria mãe!

BARÃO - Tua própria mãe já desmaiou há muito tempo!

MILORD - Afinal, quantas pessoas estão desmaiadas aqui nesta casa ao mesmo tempo? Deviam ser proibidos os desmaios simultâneos! Um de cada vez! Olha que eu desmaio também, viu?! Não me custa nada! Desmaiar é comigo mesmo! Ááááááiiiiiiiiiiii... (FINGE UM DESMAIO). Ninguém me socorre???

EUDÓXIA - Na noite de Natal, noite do perdão, Natal Sem Fome, sou condenada a essa vergonha, essa degradação pública!!!

BARÃO - Confessa, diz a verdade: é mentira, não é verdade?

EUDÓXIA (HERÓICA) - É verdade, não é mentira! É verdade, sim. Mas você merecia coisa muito pior! (SINCERA E CAFONA). Você nunca olhou pra minha cara com ternura ou piedade, sempre pensou na Bolsa de Valores de *King Kong* e nunca em mim; a Bolsa sempre foi tudo pra você, eu nunca fui nada. Até pra cama você leva essa maldita maquininha de multiplicar. Você fala no telefone até quando está comigo abraçado... (DENUNCIANDO AO MUNDO) des-nu-dos com o telefone, os dois enlaçados por um fio!!! (PATÉTICA). Que mulher suportaria isso? E sempre reclamando que eu não te dei herdeiros, mas como é que eu posso ter filhos se você não faz o mínimo essencial! Você pedia *herdeiros*, não queria filhos. (IMITANDO O MARIDO EXCITADO). Me dá um herdeiro, um herdeirinho só!

BARÃO (COM DIGNIDADE) - Cala a boca, Eudoxinha, nós estamos em família... isto é, em público. Depois a gente conversa, lá em casa.

MILORD - "Me espera na esquina": a escola está fazendo escola. Tia Eudóxia, olha aqui: não sei se o momento é oportuno pra se fazerem correções nomenclaturais, mesmo assim eu queria informar que o sobrenome está certo, (DIDÁTICO) mas o prenome do Kong é Hong, não é King. King Kong era o macaco, (SORRINDO) lembra, vovó? Era lindo aquele macaco! Forte, musculoso! Mais inteligente do que muito Tarzã que anda solto por aí de gravata!

ELVIRA (VOLTANDO A SI) - Robertão, eu sempre te pedi: me trai com quem você quiser, mas nunca com as minhas amigas.

EUDÓXIA - Alto lá: eu não sou sua amiga, sou apenas sua irmã!

ELVIRA - Amiga no sentido figurado! Eu vou desmaiar! (DESMAIA).

MILORD - Essa daí já não estava desmaiada?!

BARÃO - Vamos todos calar a boca, esquecer! Vamos rezar, sapatear, cantar o hino nacional, qualquer coisa! Superar esse momento, essa crise! Depressa.

EUDÓXIA (DRAMÁTICA, À BEIRA DO EXCESSO) - Vamos falar tudo e é agora: traímos você sim! E você bem que merecia! Pena que foi só durante dois ou três meses, coisa pouca. Já faz mais de vinte anos.

BARÃO (REACESO CIÚME) - E hoje à tarde, onde é que você esteve?

EUDÓXIA - No dentista: eu falei a verdade!

BARÃO (AGRESSIVO) - Mostra os dentes! Quero ver o canal aberto! A piorrêia!

EUDÓXIA (GRANDIOSA) - Mas não foi na cadeira dele, não, com aquele motor horrórico furando o dente! Não: foi na cama! Dentistas também têm alma, fique você sabendo disso! (ROMÂNTICA). Odontólogos também amam! Também beijam na boca. (DECIDIDA, SOLENE). E fique sabendo - eu ordeno! - nunca, nunca mais me dirija a palavra... nunca mais fale comigo!

ROBERTÃO (RESSENTIDO) - Dois ou três meses, uma ova: o ano todo! Se é pra dizer a verdade, verdade inteira!

DONA FLOR (RE-ACORDANDO E RECORDANDO; QUANDO DONA FLOR INTERVEM, OS OUTROS PARAM ESPANTADOS) - Nozes e passas... Natal, sem passas e sem nozes, não é Natal completo. Arroz de polvo. Isso vocês ficaram me devendo... Me dá alguma coisa pra beber.

BARÃO - Dá um uísque cowboy triplo pra ela e vamos mudar de assunto!

ROBERTÃO - Mudar de assunto nunca, agora é a minha vez!

MILORD - Papai, você nem abriu o meu presente. Estou desolado...

ROBERTÃO - Que porcaria é essa? (ABRE: UMA CHAVE). Uma chave?!

MILORD - É a chave da suite presidencial do *Motel Paraíso Tropical*, com direito a maçã, champanhe, sauna e TV pornô. Leva a mamãe pra lá, ela vai adorar. Principalmente o champanhe.

ROBERTÃO - Idiota! (SÁDICO). Chegou agora a minha grande oportunidade. (SEGURA UM PACOTE). O meu amigo oculto... Vamos lá, vamos ver... O meu amigo oculto é uma pessoa que gosta muito do poder.

ROSA - Está esquentando.

MILORD - Já sei, já descobri: Bill Gates!

ROBERTÃO - O principal interessado nem desconfia que é dele que eu estou falando. (OLHANDO FIXAMENTE O BARÃO). E, como gosta de poder, gosta dos poderosos.

MILORD - Já sei, já descobri: Cleópatra!

ROSA - Está fervendo!

EUDÓXIA (TENTANDO APARTAR) - Não exagera, Robertão: nós estamos em família! Nada de ressentimentos, vinganças. O Barão está começando a ficar nervoso. Ele é um homem calmo, mas quando se enerva: sai da frente, sai de baixo e sai de cima! Sai! Sai! Sai!

ROBERTÃO - Silêncio. Ele é que tem que se reconhecer. (CONTINUA A DESCRIÇÃO). Como se junta aos poderosos, rola dinheiro. E como o dinheiro rola, não se sabe de onde vem. Vocês acham que ele se preocupa com isso?

EUDÓXIA - Calma, Robertão! *Finesse*, Robertão. *Savoir faire!*

ROBERTÃO - O meu amigo oculto, que é tão moralista em questões de sexo, vocês acham que ele se preocupa em saber de onde vem o dinheiro? A moral dele é da cintura pra baixo, sim, mas exclui o bolso.

MILORD - Pára com isso, pai, você acha que alguma vez na vida o tio Barão vai descobrir que você está falando dele? Jamais! *Never!*

BARÃO (FINGINDO SURPRESA) - Está falando comigo? Essa indireta é pra mim?

MILORD - É uma indireta no queixo e outra no fígado e no pâncreas!

BARÃO - Primeiro, deixa eu ver o meu presente. (ABRE). Que geringonça é essa?

ROBERTÃO - Uma maquininha de descobrir dólares falsos.

BARÃO - Eu tenho olho afiado, não preciso desses brinquedos. (TONITRUANTE). Vocês, seus ignorantes, não entendem os novos tempos.

MILORD - Somos todos dinossauros! (DINOSSAURO ENFURECIDO). Grrrrrrrrrrrr...

BARÃO - Vocês vivem na Idade Média, na Grécia, Babilônia, Pedra Lascada! Cada época tem seu conceito de moralidade. O que era bom ontem, hoje já não presta.

EUDÓXIA (ENTUSIASMADÍSSIMA) - O Barão pode ter seus defeitos, como aliás todos nós, sem exceção: mas é um homem culto! (EXTASIADA). Grécia, Babilônia... Vocês nem sabem onde ficam essas Antigüidades...

BARÃO (APAIXONADAMENTE) - Eu, criança, cantava o Hino Nacional pros soldados que iam lutar na Itália contra o fascismo; hoje, escrevo poemas louvando a Globalização! Acabou-se essa história de Pátria: a Terra é uma só. As Bolsas pegam fogo na Ásia e sobem os juros das geladeiras aqui na esquina - e quem é que paga? A empregada.

MARIANA (NA PORTA DA COZINHA) - Eu sabia que ia sobrar pra mim! E pode-se saber por quê?

BARÃO (TRIBUNO) - Porque, se os lucros diminuem, os especuladores levam o dinheiro pra outro país, pra ganhar mais. O governo aumenta os juros aqui dentro pra trazer de volta o capital volátil. E quem paga é o pobre, que compra a prestações. É a inflação seletiva: só vale pros pobres!

EUDÓXIA (ORGULHOSA) - O Barão sabe o que diz! Tem categoria! Grécia, Babilônia, sabe tudo!

ROBERTÃO - O Barão fala *ex professo*, Milady.

EUDÓXIA (ASSUSTADA) - Isso eu não sei, não entendo nada de profecias: (ADMIRATIVA) mas que fala muito bem, fala. Idade Média pra cima!

ROSA - Bolsa é cassino!

BARÃO - E o governo é um *croupier* às avessas. Perde sempre, mas não se importa: o dinheiro não é dele, é do povo! Se o banco quebra, ele conserta! Acabaram-se as fronteiras e vão-se acabar os governos nacionais! Vamos ter um só governo mundial: o Banco Universal!

ROSA - Quem vai governar esse banco?

BARÃO - Os ricos dos países ricos, tendo um Conselho sem direito a voto dos ricos dos países pobres, desde que aceitem ser Capitães do Mato. Cada país será governado por uma junta de Capitães do Mato.

EUDÓXIA (ESCANDALIZADÍSSIMA) - Capitães do Mato? Que horror! Foram fazer o que, no matagal, os capitães? Foram fardados?!?!??

ROSA - Esses capitães eram negros gordos que caçavam escravos magros, os negros que fugiam! Não vamos nem poder fugir!

BARÃO (ENÉRGICO) - Se as coisas são como são, porque é que eu vou ficar do lado das coisas que são como eram? Se existe fraude legítima, qual é a diferença entre o dinheiro sujo e o limpo? Eu já tive ilusões. Hoje, vejo a realidade.

ROSA (AGRESSIVA) - Com os amigos que tem... faz a lei!

BARÃO (EXPLOSIVO) - Não me importa de onde vem o dinheiro, desde que venha. Se não fosse eu, seria outro: alguém sempre sai lucrando! Em política, não existe honestidade: existe pragmatismo. Pra se ter poder, temos que nos aliar aos nossos piores inimigos.

ROSA - Pra fazer o que ELES querem.

BARÃO - Mas somos NÓS que fazemos, do nosso jeito! (ASSUSTADO!) O que é que vocês estão me olhando? Eu sou inocente! Eu não fiz nada! O dinheiro passa por mim, sim, muito dinheiro, muito... e alguma coisa sempre fica! Mas isso é a Modernidade, é natural! Se não fosse eu, seria outro! (APAVORADO). Eu não fiz nada! O que é que vocês estão me olhando? Eu sou inocente! A culpa é do Sistema!!! Eu até dou esmola a tudo quando é cego, aleijado, perebento, tudo! Quando vou à igreja, corro atrás dos mendigos, pego uma porção de moedinhas (GESTO VIOLENTO) e jogo em cima! Jogo mesmo! Isso é caridade! Arrebento! Quem é aqui que dá esmola a leproso? Ninguém! Eu dou!!! Eu sou inocente!

MILORD - Acabou o discurso?

ELVIRA - Eu não entendi nada.

ROSA - O que ele quis dizer é que o país virou bagunça, salve-se quem puder. Ele pode. Se Deus não existe, nada é Pecado. Tudo é Lucro!

EUDOXIA - Salve-se quem puder, mas levando a família junto. Eu não quero ficar pra trás.

BARÃO (AINDA ENFURECIDO) - Existe gente demais no mundo: cinco bilhões de pessoas é muito bilhão! Não podemos continuar pensando que todo ser humano é humano! O Mercado é a obra prima do ser humano, mas só é humano quem estiver no Mercado! Vinte por cento vão se salvar! O resto, joga na África!

EUDÓXIA (ENTUSIASTA) - Degreda!

BARÃO - Na guerra ou se mata ou se morre! Eu quero viver. O resto, degreda!

EUDÓXIA (ABRAÇANDO O MARIDO) - África! Congo Belga, Sierra Leona! (ORGÁSMICA). Meu amor, eu adoro como a gente se entende tão bem...

DONA FLOR (ACORDANDO) - Já começou a distribuição dos presentes?

MILORD - Está quase no fim, vovó. Mas eu também sou inocente, ouviu? Não dei nada a ninguém. Isto é... quase nada... sabe-se lá...

DONA FLOR - Eu quero dar os presentes das minhas filhas.

BARÃO - Espera: é a minha vez. (TIRANDO UM PAPEL DO BOLSO). A minha amiga oculta, pelo visto, não demora muito vai se ocultar pra sempre! (CRUEL, OLHANDO DONA FLOR). Embaixo da terra!

ROBERTÃO - *Per secula seculorum.*

MILORD (EUFÓRICO) - Acertei: vovó!

DONA FLOR - Eu não mereço.

BARÃO (PERVERSO E CIENTÍFICO) - Um presente que a senhora vai gostar, veio direto do laboratório: é o resultado dos seus exames. Tudo positivo. Na escola, a senhora nunca teve notas tão altas: no colesterol, louvor! Altíssimo! Estratosférico! O médico disse que é um milagre que a senhora continue viva. Não existe nenhuma razão pra isso. Ácido úrico, é bom nem falar... A senhora só tem um órgão contra o qual nada consta: a próstata! (ENVERGONHADO). Bom, é melhor eu calar a minha boca... parece que falei demais...

EUDÓXIA (VOZ BAIXA) - Precisava dizer isso pra mamãe, precisava?!

BARÃO - Eu fui sorteado.

EUDÓXIA - Não precisava ser assim, tão bruscamente. Podia dizer, (EXCESSIVA TERNURA) "...mamãe, você sabe que todos nós somos mortais, não é mesmo?,

vamos morrer um dia, todos, sabe? Só que você não será das últimas... antes pelo contrário... vá se preparando..." Teria sido mais diplomático.

BARÃO - Dava no mesmo: ela tornou a desmaiar e já não se lembra de nada.

EUDÓXIA - Agora minha irmãzinha, nós duas. O seu presente está aqui. Espero que você não tenha esquecido o meu.

ELVIRA - Como é que eu podia esquecer? Você vai adorar, Eudóxia, tenho certeza. Lembra daquela foto que você tirou de biquini em Copacabana, quando ainda só tinha trinta e poucos anos? Lembra? Aquela foto que você amava e que desapareceu de repente? Pois é: fui eu que roubei. E hoje, noite de Natal, resolvi devolver. (MOSTRA A FOTO). Aqui, na foto - veja bem, na foto! - você está linda. Olha só as suas pernas! Você ainda não tinha essas estrias horrorosas que tem hoje. Ainda não estava cheia de celulite até no pescoço. Olha aqui: o busto empinado, orgulhoso, ainda não tinha desabado. Você ainda não tinha essas manchas cor de abóbora embaixo dos olhos. As orelhas ainda estavam no lugar certo, uma de cada lado da cara, porque a foto foi tirada *antes* das suas sete operações plásticas fracassadas, que puxaram as suas orelhas pra perto do nariz! Tome, querida. Veja como você era linda!

EUDÓXIA - Muito obrigada, minha irmã, você sempre foi muito sensível, dedicada. Por isso mesmo, tenho certeza que vai adorar o meu presentinho, que é simples, singelo: é uma bacia de porcelana chinesa pra você poder vomitar à vontade, sem sair da cama. Não é adorável? É da Dinastia Ming!(AS DUAS TROCAM PRESENTES E OLHARES DE ÓDIO).

DONA FLOR (REANIMADA) - Vamos comer. Tira essa porcaria que está me incomodando. (TIRA UM DOS TUBOS). Vamos à mesa.

MILORD - Vovó: é perigoso desligar você da tomada! Você tem que ficar sempre ligada!

DONA FLOR - Venham todos, vem Mariana. (MARIANA ENTRA COM JOAQUIM). Mariana, que nome bonito.

MARIANA - A senhora gosta?

DONA FLOR - Fui eu que escolhi. Tira essa coisa daqui. (ELA MESMA RETIRA BOLA E TUBOS, VIGOROSA).

MILORD - Vovó, cuidado! (AJUDA A AVÓ).

MARIANA - Por que não escolheu nome de flor? Todas as minhas irmãs têm nomes de flores: Açucena é a mais velha, Orquídea vem depois e depois eu; Jasmim, a mais novinha, tem quinze anos imaculados.

MILORD - Verdadeiro Jardim Botânico.

MARIANA - Meus pais eram muito fiéis à dona Flor. Sempre fomos fiéis. Eu, por exemplo, sou uma mulher fidelíssima.

ELVIRA - E virgem.

MARIANA - Virgensíssima! (TERNURA). Hoje eu devia jantar com o meu Jardim Botânico, mas pensei: noite de Natal, fico com dona Rosa, que é a segunda patroa melhor do mundo, depois de dona Flor. Amanhã sim, é o dia de Açucena, Orquídea e Jasmim: vamos ao cemitério pedir a benção aos nossos pais, João e Rosália, e aproveitamos pra fazer um piquenique em cima da sepultura, com toda a família reunida, vivos e mortos.

MILORD - Coitada da Mariana, uma flor que não tem nome de flor...

DONA FLOR - Meu primeiro presente é pra você: enxoval de bebê.

MARIANA - Ah, dona Flor, não precisava se incomodar.

ROSA - Você está grávida????!!!

MARIANA - Pois é: não precisava mesmo! (ENVERGONHADA). Estive!

JOAQUIM - Você tirou o nosso filho?????? Mariana!!!!!!!!

MARIANA (DRAMÁTICA) - Me perdoa. Foi um ato impensado. Você não queria casar, jurou que não, eu fiquei com medo, mãe solteira, veio uma amiga, disse que tinha uma amiga que conhecia outra amiga, que era amiga de outra amiga, e de amiga em amiga... (CARINHOSA). Pois é, dona Flor, não precisava mesmo se incomodar. Mas, já que se incomodou, vou dar pra Jasmim, ela vai precisar, daqui a cinco meses... menina inexperiente... aconteceu...

ROSA - Outra inocente...

JOAQUIM - Casar eu não *qu'ria*, mas filhos *qu'ria* sim... Depois da ceia, a gente acerta...

MILORD - Palmatória, depois da aula!

DONA FLOR - Agora você, Eudóxia. Tira essa porcaria pra lá. (ARRANCA TUBOS E RESPLANDESCE SAUDÁVEL).

MILORD (ASSUSTADO) - Vovó! Não se desliga. A sua bateria está descarregada!

DONA FLOR - Pra você eu trouxe dois livros: a Bíblia, pra você se atualizar um pouco, e um livro-caixa, pro seu marido. Nele você vai ajudar o Barão a fazer as subtrações de que ele tanto gosta e vocês serão muito felizes.

EUDÓXIA - Obrigada, mamãe.

DONA FLOR - Pra você, Elvira, uma lembrancinha: remédio suíço, cura distúrbios estomacais... excessos natalinos...

ELVIRA (BÊBADA) - Eu ia comprar hoje mesmo. Estava quase vomitando no tapete. Como é que a senhora adivinhou?

DONA FLOR - Coração de mãe.

ROSA - Agora vamos pra mesa. Finalmente, a ceia de Natal tão esperada!

DONA FLOR - Ainda falta.

ROSA - Quem? Todo mundo já ganhou presente, até mais do que esperava...

DONA FLOR - O meu último presente vai pra minha grande amiga oculta, verdadeira filha, a quem sempre tratei até com mais carinho do que às minhas filhas verdadeiras, porque queria provar que, pra mim, ela sempre foi filha! Por isso vai ganhar um segundo presente na noite de hoje. Pode ser que tenha se desviado do caminho certo, tenha idéias exóticas, mas é filha, mais até, muito mais, mesmo sendo menos. Dá pra entender?

JOAQUIM - Acho que descobri, mas não quero me meter nos negócios da família... Uma vez, basta!

MILORD - Chega de presentes. Bolinhos de bacalhau à vista!

ROSA - Se eu não tivesse ganho o meu, ia até pensar que era pra mim.

DONA FLOR (BONDOSA) - Noite de Natal é dia da verdade e do perdão: quero dizer a verdade e ser perdoada. Este é o último Natal que vou passar com vocês aqui na terra, o próximo será no Paraíso, à mesa do Pai.

MILORD - Cruz Credo! Te arrenego sete vezes!

DONA FLOR (ENTREGA O PACOTE À ROSA QUE O ABRE) - Olha que aventalzinho bonito, com uma sujeirinha de ovo bordada à mão: é pra você, minha filha.

ROSA - Pra mim? Um avental?! Isso tem alguma explicação?

DONA FLOR - Tem. Eu era viúva do pai de vocês e tinha um casal de empregados, João e Rosália. João ficou tuberculoso e foi pra Campos de Jordão. A mulher, moça linda, continuou trabalhando pra nós, e o meu amante, Narciso, meu chofer particular - foi aí que nos conhecemos, no banco de trás! - não resistiu à beleza da jovem, como não tinha resistido à minha - meu chofer não resistia nunca! - apaixonou-se... e a moça engravidou.

TODOS - Oh!

DONA FLOR - Antes que o João voltasse com saúde, Rosália deu à luz uma robusta menina. Que fazer? Naqueles tempos, honra se lavava com sabão em pó e sangue. Perdoei Narciso, antes que morresse tuberculoso, e adotei a criança, dando à menina o meu sobrenome. E, pra deixar uma pista sobre a sua verdadeira origem, dei a ela um nome de flor parecido com o da verdadeira mãe.

TODOS - Rosa!

ROSA - Então... eu sou filha da empregada?

DONA FLOR (SORRINDO, CARINHOSA) - Rosália!

MILORD (EXCITADO) - Por isso que ela lê esses livros pecaminosos: está no sangue! Filha de chofer com lavadeira! Só podia dar nisso...

DONA FLOR - Tempos depois, outra tragédia: Eudóxia se apaixonou pelo coroinha, por coincidência, filho do padre, e também engravidou: naquele tempo, as moças engravidavam com muita facilidade.

EUDÓXIA (INCOMODADA) - Mamãe, não é hora pra ficar falando dessas coisas... Águas passadas não movem moinhos... já nem me lembro...

DONA FLOR - O Barão, como vocês sabem, não queria filhos, não tinha tempo, entre a jogatina de *King Kong* e o doutorado em Wall Street, especialista em Mercado Negro e Paraísos Fiscais. Que fazer? Rosália, mulher digna, devolveu a gentileza, e aceitou passar por mãe da menina.

MARIANA (TRÊMULA) - E como se chamava essa menina?

TODOS - Mariana!

MARIANA (CAINDO DE JOELHOS DIANTE DE EUDÓXIA) - Mamãe!

EUDÓXIA (POUCO A VONTADE) - Levanta, menina, nada de sentimentalismos. Eu pus esse nome em você porque, já que não podia chamá-la Eudóxia, como eu...

MARIANA - Obrigada, mamãe.

EUDÓXIA - Que pelo menos fosse filha de alguém superior: Maria!

MARIANA - Então a senhora é minha mãe, dona Eudóxia? Eu sou filha de carola com coroinha, neta de padre? É por isso que eu sou fanática pela missa.

MILORD - Está no sangue!

EUDÓXIA (BANALIZANDO OS FATOS) - Isso não é hora pra se ficar falando nessas coisas. O filho do padre, meu apaixonado, franzino e delicado, morreu tísico.

DONA FLOR - Naquele tempo se morria de tuberculose com muita facilidade...

EUDÓXIA - O Barão já está até começando a ficar chateado com essas revelações inoportunas! E olha que ele é um homem tolerante! Hoje é noite de Natal, perdão universal, vamos passar à mesa. O que importa é a família!

MARIANA - Pelo que está dizendo a vovó - vovó, não é mesmo? - (PARA EUDÓXIA) eu sou sua filha, mamãe, (PARA DONA FLOR) e sua neta, vovó, (PARA TODOS) então sou também da família! Com ascendência eclesiástica em Vênus.

ROSA - E eu sou filha espúria de uma proletária que deu um mal passo.

EUDÓXIA (SEVERA) - Bom, já que é da família, tire esse avental ridículo e sente-se à mesa como todo mundo... minha filha. (MARIANA JOGA O AVENTAL NO CHÃO, SENTA-SE À MESA).

MARIANA (AUTORITÁRIA) - Rosa, traga os bolinhos de bacalhau que estão no forno. E arrume os livros que eu botei empilhados no chão da cozinha, perto do lixo. Jogue metade fora porque não há espaço! De-pres-sa! (LENTAMENTE ROSA PÕE O AVENTAL E SAI. BATEM Á PORTA).

EUDÓXIA - Você que é o mais jovem, Milord, vai ver quem é. (MILORD VAI).

MILORD - Sempre eu! Que preço tenho que pagar pela minha eterna juventude!

DONA FLOR (LEVANTA-SE DA CADEIRA DE RODAS DIANTE DO SUSPENSE GERAL. DIRIGE-SE À MESA, MAJESTOSA) - Agora vamos à mesa: dia do perdão. A verdade antes que tudo: doa a quem doer! Noite feliz. (ASSUME SUA POSIÇÃO DE MATRIARCA). Bolos de bacalhau: isto sim, é Natal!

MILORD (DA PORTA) - É o Juvenal: ele quer saber quem é que vai pagar a conta. Porque, se não, ele chama a polícia!

EUDÓXIA - Depois a gente pensa na polícia. O Juvenal é um detalhe. A conta é detalhe. O importante, hoje, é a família, são os bolinhos de bacalhau. Feliz Natal, família! Boas Festas, família! Próspero Ano Novo! Família!

(MILORD BATE A PORTA E SENTA-SE À MESA. TODOS SE DÃO *Feliz Natal* E LEVANTAM SUAS TAÇAS DE CHAMPANHE).

ROSA (VOLTANDO COM UMA BANDEJA, ANUNCIA COM ESTILO DE MORDOMO DE BANQUETE) - Os bolinhos de bacalhau!

TODOS (EXCITADOS E FELIZES) - Os bolinhos... Que fome... Ah, bacalhau, bacalhau! Viva a Noruega! Viva! Viva Portugal! (ASSUSTADOS COM O OLHAR GLACIAL DE ROSA, EMUDECEM. SILÊNCIO).

ROSA (CALMA, DURA) - Queimei todos!

TODOS (SOFRIDOS LAMENTOS) - Aaaaaaaahhhhhh... (DONA FLOR, COM A TAÇA DE CHAMPANHE NA MÃO, SOLTA UM LANCINANTE GRITO, LEVANTA-SE, CAMBALEIA E CAI MORTA, FULMINADA, SOBRE OS BOLINHOS DE BACALHAU QUEIMADOS).

ROSA - Está morta! Totalmente morta!

(O PANO - *BULEVAR* TEM PANO, É UM DEVER! - CAI LENTAMENTE; JUVENAL BATE À PORTA, FRENÉTICO).

Augusto Boal. Correo electrónico: augustoboal@alternex.com.ar

En esta colección:

106. A herencia maldita

Todos los derechos reservados

Buenos Aires. Argentina. Febrero de 2003

-

CELCIT. Centro Latinoamericano de Creación e Investigación Teatral

www.celcit.org.ar